

Glossário de Psicopedagogia



Organização: **GP-Tekoa (Grupo de Pesquisas do Tekoa)**

Direção: **Maria Luiza Oliveira Castro de Leão**

Coordenação: **Juliana Borges e Gisele Holanda Noel**

O presente glossário é uma iniciativa do **GP-Tekoa**, grupo de pesquisa que em seus encontros de estudos sistemáticos, ocorridos a partir de 2014, sentiu a necessidade de reunir as definições de conceitos utilizados no campo da psicopedagogia, uma área de estudos relativamente nova, sobretudo no que diz respeito a uma investigação teórica própria desse campo.

De acordo com o dicionário Larousse, o termo *glossário* significa: “compilação de palavras de sentido obscuro; comentário; conjunto do significado de termos de uma área do conhecimento; vocabulário; pequeno léxico colocado ao fim de uma obra para esclarecer termos pouco conhecidos; vocabulário”.

Os glossários especializados passaram a fazer parte da rotina dos alunos da Formação em Psicopedagogia da instituição, quando Maria Luiza Leão, diretora do Centro, sugeriu que se reunisse os termos centrais relacionados à psicopedagogia à partir das elaborações teóricas dos cursos. O **GP-Tekoa** tomou a resolução de organizar, numa totalidade coerente, os fragmentos de glossários produzidos desde 2006. Assim, estamos disponibilizando ao público um glossário especializado, através da nossa plataforma *on-line* Akadémia, encarregada da difusão do pensamento teórico-prático da instituição.

Além do glossário especializado da área da psicopedagogia. Oferecemos também, glossários anexos onde poderão ser encontrados conceitos de outras disciplinas (psicologia cognitiva, psicanálise, psicologia social) que contribuem para o corpo de conhecimentos relativos à psicopedagogia.

O **GP-Tekoa**, estruturado enquanto tal, surgiu em 2014, para investigar, de maneira sistemática, estudos e projetos nas linhas de pesquisa da instituição: 1. *A Noologia Estruturalista: um postulado teórico para o campo da psicopedagogia*; 2. *Roda de Conversa Operativa: uma técnica de intervenção psicopedagógica comunitária*.

Formado por especialistas em psicopedagogia, o **GP-Tekoa** conta com a colaboração científica de Sara Pain, Gérard Vergnaud e Sandra Bruno (França), Maria Aparecida Mamede Neves (PUC-Rio) e Maria Cecília Almeida e Silva (Pró-Saber- RJ).

São os pesquisadores efetivos do grupo: Alba Weiss (em 2014), Maria Luiza oliveira Castro de Leão (desde 2014), Juliana Borges (desde 2014), Marlene Dias (desde 2015) e Gisele Noel (desde 2015).

Índice

1. Conceitos da Psicopedagogia (p. 5)

- CONTAMINAÇÃO DRAMÁTICA
- ENQUADRAMENTO
- EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE
- EU COGNOSCENTE
- HERMENÊUTICA / HERMENÊUTICA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO e HERMENÊUTICA PSICOPEDAGÓGICA
- MEMBRANA ISOLANTE (Sara) – IGNORÂNCIA como MEMBRANA ISOLANTE
- NOOLOGIA ESTRUTURALISTA
- OBSTÁCULO
- PROCESSO
- PSICOPEDAGOGIA
- REGRESSÃO INSTRUMENTAL
- RODA DE CONVERSA OPERATIVA
- SER COGNOSCENTE

Anexo I - Conceitos da Psicanálise (p. 16)

- CONTRA-TRANSFERÊNCIA
- INTROJEÇÃO
- PROJEÇÃO:
- REGRESSÃO
- SIGNIFICANTE
- TRANSFERÊNCIA

Anexo II - Conceitos da Psicologia Cognitiva (p. 18)

- AÇÃO
- ACOMODAÇÃO
- ADAPTAÇÃO
- ANIMISMO INFANTIL
- ASSIMILAÇÃO
- ASSIMILAÇÃO RECÍPROCA
- CIRCULARIDADE
- COMPENSAÇÃO
- CONHECIMENTO
- DESENVOLVIMENTO
- EPISTEMOLOGIA GENÉTICA
- EGOCENTRISMO
- EQUILÍBRIO
- EQUILIBRAÇÃO
- EQUILIBRAÇÃO PROGRESSIVA

- EQUILIBRAÇÃO MAJORANTE
- ESQUEMA
- ESTRUTURA
- ESTRUTURAS VARIÁVEIS
- GÊNESE
- INIBIÇÃO
- INTELIGÊNCIA
- JOGO SIMBÓLICO
- MÉTODO CLÍNICO
- NECESSIDADE
- OPERAÇÃO
- PERMANÊNCIA DO OBJETO
- PERTURBAÇÃO
- PROJEÇÃO
- REAÇÃO CIRCULAR SECUNDÁRIA
- REFLEXO
- REGULAÇÃO
- REVERSIBILIDADE
- SISTEMAS COGNITIVOS
- SUJEITO EPISTÊMICO
- TOMADA DE CONSCIÊNCIA

Anexo III - Conceitos da Psicologia Social de Pichon-Rivière (p. 31)

- CONE INVERTIDO
- ECRO – Esquema Conceitual Referencial Operativo:
- GRUPO OPERATIVO

Referência bibliográfica (p. 33)

1. Conceitos da Psicopedagogia

CONTAMINAÇÃO DRAMÁTICA: para a psicopedagogia, na vertente da noologia estruturalista, o conceito de *contaminação dramática* refere-se normalmente ao sintoma de aprendizagem, no sentido da perversão de função do registro lógico-conceitual. Isto é, a operação lógica-conceitual do pensamento no ato de conhecer é utilizada para falar do registro simbólico-desiderativo, revestindo-se então de uma qualidade de operação dramática, cuja função é comunicar algo do sujeito do desejo e não do sujeito da lógica. A contaminação dramática não precisa necessariamente se constituir de um sintoma, pode também ocorrer num momento de engano, erro e /ou num momento de desestabilização cognitiva que exige uma transformação do sistema cognitivo. Esse momento, que pode ser passageiro ou mais demorado dependendo do grau de transformação requerido pelo sistema cognitivo e do investimento nela empenhado. (Maria Luiza Leão, 2016)

ENQUADRAMENTO: ¹é o “esquema”, “conceitual” e “referencial” com que vou “operar”. Estes quatro termos integrados configuram uma ideia cunhada por Pichon Rivière, que a sintetiza em suas íntimas relações pela sigla “E.C.R.O”. Quanto a esta ideia, poder-se-ia dizer que é o esqueleto de conceitos formados a partir de todas as experiências vitais profissionais e não-profissionais que servirão de referências ou ponto de compreensão e apoio para operar sobre a realidade. (VISCA, Jorge. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Tradução de Ana Lucia E. dos Santos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p.19). / ²Na abordagem clínica; recorte conceitual com a finalidade de conhecer a realidade dentro de situações controladas. O ENQUADRAMENTO é um conceito utilizado por Pichon Rivière, criador da técnica de Grupos Operativos. ENQUADRAR significa a possibilidade de pensar / sentir / agir um contrato, de organizar um combinado, para podermos ter claro quando é possível cumpri-lo ou não. Também é importante para podermos avaliar o porquê das possibilidades e das impossibilidades. Algumas **CONSTANTES DO ENQUADRAMENTO** psicopedagógico clínico propostas pelo professor Jorge Visca são: Tempo / lugar/ frequência / duração / caixa de trabalho / duração / interrupções combinada / honorários. Segundo Visca, o enquadramento faz permanecerem constantes alguns elementos para que outros possam movimentar--se e serem percebidos a partir de uma referência. Assim podemos ter um controle dos processos de aprendizagem na clínica. O professor sugere trabalhar nas constantes do enquadramento de modo que o movimento do aprendiz, em relação a estas constantes, possa ser observado para que o terapeuta possa ter parâmetros de ação. (LEÃO, Maria Luiza de Oliveira Castro de. **O pensamento teórico do Tekoa - a turbulência no campo da psicologia; a noologia estruturalista; as ciências experimentais: uma pedagogia da turbulência**. Rio de Janeiro: Publit, 2013).

EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE: uma conceituação da aprendizagem e suas dificuldades em função da integração – por assimilação recíproca – das contribuições das escolas psicanalítica, piagetiana e da psicologia social de Enrique Pichon Rivière. (VISCA, Jorge. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Tradução de Ana Lucia E. dos Santos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p.7).

EU COGNOSCENTE: "Esse eu é o intermediário entre o desejo e a razão. Constituído basicamente por processos psíquicos secundários, funciona regido pelo princípio da realidade que permite perceber a possibilidade ou não da satisfação do desejo. Por outro lado, sua função organizadora implica capacidade de síntese e elaborações simbólicas" (p.49) "É o eu cognoscente que permite ao sujeito cognoscente tomar-se a si próprio e assim construir e manter sua autonomia. A construção do eu cognoscente tem como pano de fundo a gênese das estruturas cognitivas do ser pluridimensional (implicando, pois, a articulação entre as suas dimensões) e, como elementos necessários dessa construção, a linguagem e os movimentos simultâneos que constroem a autonomia do eu cognoscente." (p.50) (...) "É na própria articulação entre suas dimensões e pela sua ação sobre o objeto que esse sujeito constrói um núcleo organizador autônomo, criativo e transformador - o eu cognoscente. A construção desse núcleo organizador tem como elementos necessários a linguagem e os movimentos simultâneos que caracterizam as vias de desenvolvimento deste eu. Assim, a psicopedagogia, tendo por objetivo, em sua definição complementar, facilitar a construção do eu cognoscente, situa no sujeito a indagação psicopedagógica, mudando o enfoque em relação à definição preliminar que, tendo como objetivo facilitar o processo de construção do conhecimento, situa sua indagação no processo." (p.68) (SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica**. 2a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010).

HERMENÊUTICA / HERMENÊUTICA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO e HERMENÊUTICA PSICOPEDAGÓGICA: *Na análise de conteúdo: "A hermenêutica, arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos, é uma prática muito antiga. O que é possível de interpretação? Mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda (...) só pode surgir depois de uma observação cuidadosa (...) por trás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar"*Bardin (p.14).A hermenêutica na psicopedagogia compartilha de alguns princípios da hermenêutica usada na *análise de conteúdo* de Laurence Bardin. Tal qual a análise psicopedagógica: *"A análise de conteúdo (...) é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre*

dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade". "Tarefa paciente de "desocultação", responde a esta atitude de voyeur (...), justifica sua preocupação (...) de rigor científico. Analisar essa dupla leitura onde uma segunda leitura substitui a "normal" do leigo"(p.9). (BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011).

Significado e origem da palavra hermenêutica: ¹"Na filosofia, hermenêutica é a ciência que estuda a arte e a teoria da interpretação e surgiu na Grécia antiga". <https://www.significados.com.br/hermeneutica/> ²O termo "hermenêutica" remete ao deus grego Hermes, o mensageiro dos deuses, aquele que traz notícias. O hermeneuta seria aquele que tanto transmite quanto interpreta uma mensagem, (...). Por conseguinte, hermenêutica seria a arte de interpretar o sentido da palavra (...). <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/hermeneutica-a-arte-de-interpretar-o-sentido-da-palavra-do-autor.htm/> ³"Os gregos atribuíam ao deus-mensageiro-alado Hermes a descoberta da linguagem e da escrita, sendo estas as ferramentas para a compreensão humana, que as utiliza para chegar ao significado das coisas e para transmiti-lo aos outros. Logo, "hermenêutica", a partir da sua raiz mais antiga, sugere o processo de ser tornado compreensível, ser interpretado (...) "A tarefa da interpretação deverá ser tornar algo que é pouco familiar, distante e obscuro, em algo real, próximo e inteligível" (Das Verstehen, in HEIDEGGER, 2012). <http://www.infoescola.com/filosofia/origens-da-hermeneutica/>

Uma hermenêutica psicopedagógica: "Há seis definições modernas de hermenêutica, nós buscamos a psicológica, para entender o psiquismo no ato de aprender, nesse sentido, podemos dizer que a *noologia estruturalista* é uma ferramenta teórica para uma *hermenêutica psicopedagógica*, isto é, oferece fundamentos para se decifrar o pensamento no ato de aprender e não aprender. Hermenêutica que se serve de uma dupla leitura para interpretar as articulações entre as operações lógicas com as operações dramáticas (nas condutas, nas temáticas, no produtos-desenhos, cálculos, escritas do aprendiz), especialmente quando esta articulação do registro simbólico com o lógico está na raiz da produção de sintomas de aprendizagem." (Maria Luiza Leão, 2016).

MEMBRANA ISOLANTE (Sara) - IGNORÂNCIA como MEMBRANA ISOLANTE: em seu livro a *Função da ignorância* (1999), Sara Pain diz: "Incluindo a estrutura lógica no domínio do inconsciente, o problema diz respeito às suas relações com a estrutura simbólica. Perguntamos se há, entre os dois domínios, uma ligação de complementaridade funcional, ou ao contrário, uma cisão radical referente tanto a sua estrutura quanto as suas respectivas funções" (p.21) "A ignorância, cuja função principal é de servir de membrana isolante entre a objetividade e a subjetividade, é um órgão fundamental do inconsciente. (...) mantendo cada estrutura no desconhecimento da outra, a ignorância assegura a pertinência concomitante dos discursos sobre o universo da determinação e o universo do arbitrário. Toda a patologia do pensamento

pode, então, ser redefinida a partir do funcionamento da ignorância.” (LEÃO, Maria Luiza de Oliveira Castro de. **O pensamento teórico do Tekoa - a turbulência no campo da psicologia; a noologia estruturalista; as ciências experimentais: uma pedagogia da turbulência**. Rio de Janeiro: Publit, 2013, p.21-22).

NOOLOGIA ESTRUTURALISTA: proposta teórica para o campo da psicopedagogia, área de estudo dos fenômenos da aprendizagem humana, focada no estudo do *pensamento no ato de aprender, conhecer e conceituar*, desenvolvido por Maria Luiza Leão, uma vez que a aprendizagem humana, sendo uma instância complexa *que não pode explicar*, configura-se numa instância *que precisa e pode ser explicada* pelo pensamento subjacente *ao ato de conhecer*. O *pensamento no ato de conhecer e ignorar* é considerado aqui um sistema, levando-se em consideração a sua totalidade, suas leis de composição, de transformação e de autorregulação, composto pela confederação de dois subsistemas: o sistema lógico-conceitual (a estrutura cognitiva de Piaget) e o sistema desiderativo (proposto pela psicanálise), cada qual possuindo seus procedimentos e objetos próprios. O cerne da investigação dessa Noologia consiste no estudo da articulação inter-estrutural possível entre esses dois sistemas, considerados pela autora, as “psicologias” mais ricas propostas no século XX, no que diz respeito ao estudo do sujeito e do seu pensamento. (Maria Luiza Leão, 2016)

OBSTÁCULO: é uma forma de reação que pode apresentar-se como formas permanentes ou transitórias, e também como momentos frente a cada nova aprendizagem. (p.51/52) (VISCA, Jorge. **Psicopedagogia: novas contribuições**. Organização e tradução. Andrea Morais e Maria Isabel Guimarães. RJ: Nova Fronteira, 1991).

PROCESSO: é o transcurso do que vai sucedendo e é uma característica de toda coisa de estar a cada instante de uma forma distinta à anterior. Processo é sinônimo de devenir, que significa o movimento pelo qual as coisas se transformam. (VISCA, Jorge. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Tradução de Ana Lucia E. dos Santos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p.87.).

PSICOPEDAGOGIA: “A psicopedagogia é um campo do conhecimento que tem por objeto o ser cognoscente e por objetivo fundamental facilitar a construção da individuação e da autonomia do eu cognoscente identificando e clarificando os obstáculos que impedem que esta construção se faça”. (SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998).

REGRESSÃO INSTRUMENTAL: Jorge Visca aborda o conceito de *regressão-instrumental* em sua obra *Clínica Psicopedagógica-Epistemologia Convergente* (1987) ^[1]quando, ao falar do prognóstico, descreve os materiais que deveriam compor a caixa de trabalho: “O prognóstico, enquanto hipótese sobre o estado ou estados futuros (...) os prováveis estados futuros servem para dispor antecipadamente dos materiais que se poderiam usar, pelo menos em um futuro relativamente próximo. Mais ainda, na caixa de trabalho devem-se incluir não só materiais que correspondam ao estado atual e o futuro, mas também a níveis superados, pois servirão de ponto de apoio em uma “*regressão-instrumental*” para retomar o caminho que segue em frente” (p.32). Quando se fala em instrumental, vem em nossa mente a ideia de apoio e de técnica. No âmbito da psicopedagogia, tanto no sentido preventivo, quanto terapêutico, uma *regressão instrumental*, ocorreria quando um aprendiz retorna a esquemas, relativos a uma determinada estrutura cognitiva, de nível anterior à sua atual ou a conceitos mais primitivos, para poder seguir avante em sua aprendizagem. No caso, seria um pensamento no ato de aprender recuando cognitivamente para poder, posteriormente, avançar. Um bom aprendiz, do ponto de vista da psicopedagogia em geral e da Noologia estruturalista, em particular, é aquele *sujeito aprendente* que demonstra flexibilidade no funcionamento do seu pensamento para se organizar, mais ou menos rapidamente - dependendo da urgência-, a fim de responder a um estímulo, a uma perturbação ou a uma demanda (externa ou interna). Tal organização responsiva, pode exigir tanto um nível mais complexo de competência e funcionamento das estruturas cognitivas e de aprendizagem (incluindo conceitos), quanto pode demandar níveis mais primitivos de pensamento e conduta. Nessas respostas de cognição, abordamos a dupla vertente do pensamento (do ponto de vista da *noologia estruturalista*) e podemos observar tanto o sistema cognitivo como o sistema desiderativo em funcionamento e em articulação (de *contato nulo*, de *contato de transformação* ou de *contato sintomático*). Quando Freud aborda o conceito de *regressão* ele fala em um retorno, num sentido libidinal, a posições mais primitivas e mais infantis de organização. Mas podemos considerar isso também num âmbito cognitivo, no que se refere às etapas propostas por Piaget, isto é, o *sujeito cognoscente* pode funcionar com esquemas de estágios mais primitivos de “inteligência” diante de uma demanda em que um esquema mais evoluído, já adquirido, poderia ser acionado para resolver uma demanda externa, mesmo se a situação exija uma transformação dos esquemas conquistados, isto é, exija uma acomodação, seguida de nova assimilação. Do nosso ponto de vista, a *regressão instrumental* se dá, em geral, num momento em que é requisitado do *aprendente* um avanço, e por consequência, uma transformação do pensamento, dos conhecimentos, isto é, do sistema cognitivo tomado em sua dupla vertente, lógica e dramática. A *regressão instrumental* ocorre comumente quando o sujeito no ato de conhecer, de aprender, necessita modificar, complexificar algum aspecto estrutural de seu aparelho de pensar porque sua organização

contemporânea à perturbação externa não dá conta para se equilibrar diante dela (a assimilação repetitiva não resolve a demanda). Esse processo se refere tanto a adaptação (acomodação) de esquemas cognitivos, adaptação de condutas, como ainda, poderíamos dizer, de organizações de caráter mais ligados à esfera do desejo, se pudermos considerar aí a proposta de uma psicanálise evolutiva, que aponta para etapas e evoluções libidinais. A *regressão instrumental*, no âmbito da *noologia estruturalista*, é considerada como um conceito operacional, fruto de constatações empíricas, advindas tanto da clínica psicopedagógica quanto dos processos ditos “normais” de aprendizagem, isto é, a *regressão cognitiva* não se traduz quotidianamente por ser um sintoma e sim integra os fenômenos dos processos de aprendizagem de um modo lato. Notamos que é frequente que o *aprendiz*, diante de uma novidade que lhe é difícil de ser assimilada, atue em *regressão instrumental*, dependendo de como esse indivíduo tenda a se conduzir diante da desordem e da turbulência cognitiva. Podemos distinguir *dois tipos de regressão: a instrumental e a patogênica*. A regressão dita *instrumental* seria aquela que, mesmo quando ocorre na clínica psicopedagógica, não é patogênica em si (não se traduz por um sintoma), uma vez que ela pode ocorrer num momento de transformação clínica e se constituir num recurso de tratamento. Em Freud, e na psicanálise em geral, a regressão é tomada no sentido de uma *patogenia*, isto é, ela significa um retorno e uma parada. Para haver regressão o sujeito necessariamente se desenvolveu, ele estava em processo de construção ou já usava habitualmente um acervo de condutas desenvolvidas, mais ou menos complexas, instaladas que podem ser acionadas diante de determinadas demandas. Para haver regressão necessariamente tem que haver *involução*. Para se constituir numa regressão, de qualquer tipo, é condição então que o indivíduo já tenha atingido um grau de desenvolvimento; e para se caracterizar como regressão patogênica o sujeito, tem que ter seu pensamento, sua conduta, cristalizados em um nível anterior ao patamar do desenvolvimento alcançado, ficando, o pensamento, de certo modo, “refém” desse nível. Nesse caso, o funcionamento estrutural, isto é, os pensamentos no ato e as condutas decorrentes se passam numa fase anterior da real capacidade do sujeito, lentificando ou bloqueando, dessa maneira, sua evolução mental e comportamental. O sujeito demonstra dificuldade de sair (desse tempo- espaço de retorno) e de se mover para frente (no tempo e no espaço). Já a *regressão instrumental* faz parte integrante da evolução mental e comportamental constituindo-se num dos fenômenos, que podem ocorrer, nos processos de transformação do sistema cognitivo. Notamos, em nossas experiências de aprendizagem que o desenvolvimento cognitivo não acontece num movimento linear, mas sim (como bem diz Pichon-Rivière) num movimento de *espiral ascendente*, no qual os retornos, “visitas” a momentos, conceitos, condutas, mais primitivos são pertinentes e podem ser prova de flexibilidade de pensamento. Diante do desconhecido, do novo, o sujeito pode precisar, uns mais, outros menos, retornar ao um patamar conhecido, seguro, para daí dar “um salto” rumo ao desconhecido,

ameaçador. Diante da novidade o aprendiz passa frequentemente pelas angústias inerentes ao aprender (a de confusão- cunhada por Jorge Visca e as de ataque e de perda-abordadas por Rivière). “(...) o livre jogo de superação das ansiedades claustrofóbicas e agorafóbicas caracteriza o progresso real do aprendizado”. “Por isso, dizemos que para dar um passo à frente é necessário abandonar as relações objetais anteriores, romper um círculo interno de tipo arcaico primitivo e ousar enfrentar o espaço aberto, agorafóbico, onde o perseguidor está localizado” (Pichon Rivière. 1982).^[2] Quanto à evolução cognitiva, devemos lembrar que a *noologia estruturalista* postula o pensamento com uma estrutura estruturante, a moda de Piaget, abordando-se inevitavelmente a questão do desenvolvimento, que implica em construções que se dão através de desequilíbrios, autoregulações, reequilibrações, transformações internas.... Construções que engendram uma complexificação estrutural crescente, mas que pressupõe a permanência de estruturas, esquemas e conceitos “menos evoluídos” no seio do sistema cognitivo e, desse modo, mantendo a possibilidade de se atuar em todos os níveis, do mais primitivo ao mais avançado. Um bom aprendiz seria aquele que possui flexibilidade vertical: usar esquemas mais simples ou mais complexos de acordo com a demanda de adaptação e que possui uma flexibilidade de qualidade horizontal: poder mudar de conteúdos e esquemas, em termos qualitativos, também dependendo da demanda de adaptação. Lembrando que a função da aprendizagem é permitir uma sobrevivência do indivíduo em seu grupo, comunidade, sociedade, mundo.” Maria Luiza Leão

[1] VISCA, Jorge. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Tradução de Ana Lucia E. dos Santos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

[2] RIVIÈRE-PICHON, Enrique. **Teoria do vínculo**. 1ª edição. Seleção e organização: Fernando Taragano. Tradução: Eliane Toscano Zamikhowsky. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RODA DE CONVERSA OPERATIVA: a *Roda de Conversa Operativa* constitui-se de uma técnica de intervenção psicopedagógica comunitária que tem como objetivo fazer circular os conhecimentos e saberes, intergeracionalmente e intercomunitariamente, de uma dada coletividade. Essa técnica foi elaborada em um estudo de pós-doutorado de Maria Luiza Leão (UFF- RJ), sob direção de Lygia Segalla e tem sido aplicada em projetos de aprendizagem e de troca de saberes para diversos tipos de comunidades. Inspirada na técnica de grupos operativos de Pichon Rivière, a *roda de conversa operativa* propõe algumas adaptações em relação a algumas variáveis do grupo operativo, gerando um dinâmica grupal semelhante e diversa do grupo operativo tradicional. As constantes de espaço e de tempo sofrem transformações e se ajustam a cada projeto em que as rodas operativas são aplicadas, conduzindo a uma frequência que pode variar por exemplo, de uma roda por mês, ou de uma por bimestre, ou por de uma por semestre...O local da *roda de conversa operativa* pode ficar fixo por um tempo, mas pode variar

de acordo com o tipo de *roda em curso* ou de acordo com a demanda da comunidade. O grupo que representa a comunidade deixa de ser fixo, isto é, constitui-se num grupo aberto a uma coletividade e, seus participantes podem variar, porém, em suas diferentes configurações, os grupos permanecem representando sua comunidade. *As rodas de conversa operativa* podem ser de diferentes tipos. Já foram criadas *as roda de conversa de narrativa, a operacional, a de espelho, a de performance e as de aprendizagem strictu sensu (ou rodas de transmissão)*. Qualquer tipo de roda operativa, pretende propiciar um empoderamento das comunidades, constituindo-se de um canal para que as pessoas se percebam como pertencentes a uma dada coletividade, capazes de fazer circular conhecimentos, questões e tarefas de interesse daquele grupo. *A roda de conversa operativa* conta necessariamente, em seu corpo técnico, com um *coordenador operativo da roda* e com um *coordenador auxiliar* e, dependendo do projeto e do tipo de roda de conversa, pode ainda serem incluídos: um *coordenador geral da roda, um condutor de conteúdo específico, agentes polinizadores* (participantes da geração mais nova) e *relatores* (anotadores). Assim como o grupo operativo, o *coordenador operativo* da roda de conversa procura esclarecer as tarefas de aprendizagem que o grupo se atribui, no caso das rodas operativas, em nome de uma comunidade, observando o conteúdo explícito e o conteúdo implícito (latente) relacionados a tarefa em curso. *As rodas de conversa operativa de aprendizagem strictu sensu (de transmissão)* propiciam registros escritos: o *registro bruto* (do discurso e da dinâmica do grupo), o *registro de análise psicopedagógica* e o *registro de retorno* (discurso produzido na roda, devolvido a membros representantes de uma comunidade). O *coordenador operativo* da roda, bem como o *coordenador auxiliar*, realizam a atuação operativa e a análise psicopedagógica *do discurso veiculado (temáticas, dinâmicas, produtos...)* apoiando-se nos princípios da *"noologia estruturalista"*, isto é, *procurando* articular os aspectos lógico-conceituais (relacionados a objetividade da tarefa) aos aspectos de caráter simbólico-dramático (relacionados a subjetividade desiderativa da tarefa comunitária), de modo a promover uma melhor circulação de conhecimentos nas rodas de conversa operativa. (Maria Luiza Leão, 2016).

SER COGNOSCENTE: "A dimensão relacional contextual é constituinte no processo de construção do conhecimento, na medida em que o ser cognoscente é um ser social contextualizado, ou seja, determinado pelas condições materiais de existência em que vive na sociedade." (p.34). "A dimensão racional é constitutiva no processo de construção do conhecimento, na medida em que o ser cognoscente, através de sua ação sobre o meio, constrói suas próprias estruturas de prolongamento desta ação interiorizada." (p.36) "A dimensão desiderativa é constituinte no processo de construção do conhecimento na medida em que o ser cognoscente é determinado por um saber que ele não conhece, por um saber do que ele não tem consciência." (p.39) "As várias dimensões do ser cognoscente se articulam, regidas pelo

princípio do desejo e pelo princípio da realidade, na dialética da autonomia e da determinação (heteronomia). Essa articulação é, assim, um processo conflitivo e complementar, no qual as diferentes dimensões, por terem especificidades próprias, não se fundem ou se excluem, mas se completam no confronto e no conflito."(p.44) (SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica**. 2a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010).

Anexo I - Conceitos da Psicanálise

CONTRA-TRANSFERÊNCIA: "conjunto das manifestações do inconsciente do analista relacionada com as da transferência de seu paciente". (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar. p.133-135)

INTROJEÇÃO: ¹"processo evidenciado pela investigação analítica: o indivíduo faz passar de um modo fantasmático, de 'fora' para 'dentro', objetos e qualidades inerentes a esses objetos. A introjeção aproxima-se da incorporação, que constitui o seu protótipo corporal, mas não implica necessariamente uma referência ao limite corporal (introjeção no ego, no ideal do ego, etc.). Está estreitamente relacionada com a identificação" (LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand (orgs); TAMEN, Pedro (trad.). **Vocabulário da psicanálise**. Martins editora. p.323) / ²"termo introduzido por Sandor Ferenczi em 1909, para designar, em simetria com o mecanismo de projeção e introversão (ensinamento auto erótico), a maneira como um sujeito introduz fantasisticamente objetos de fora no interior de sua esfera de interesse". (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar. p.397)

PROJEÇÃO: ¹termo utilizado num sentido muito geral em neurofisiologia e em psicologia para designar a operação pelo qual um fato neurológico ou psicológico, é deslocado e localizado no exterior, quer passando do centro para a periferia, quer do sujeito para o objeto. Esse sentido compreende acepções bastantes diferentes. No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisas, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo objetos, que ele desdenha ou recusa em si. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica e que vamos encontrar em ação particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar 'normais', como a supertição." (LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand (orgs); TAMEN, Pedro (trad.). **Vocabulário da psicanálise**. Martins editora. p.477-486) / ²termo utilizado por Sigmund Freud a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranóia, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa primário, comum à psicose, á neurose e á perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto desejos que provêm dele, mas cuja origem ele

desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa” (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar. p.603)

REGRESSÃO: num processo psíquico que contenha um sentido de percurso ou de desenvolvimento, designa-se por regressão um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse. Tomada em sentido tópico, a regressão opera-se, segundo Freud, ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente segundo determinada direção. No seu sentido temporal, a regressão supõe uma sucessão genética e designa o retorno do indivíduo a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações, etc.). No sentido formal, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação. ((LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand (orgs); TAMEN, Pedro (trad.). **Vocabulário da psicanálise**. Martins editora. p.567-568)

SIGNIFICANTE: termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica.” (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar. p.708-712)

TRANSFERÊNCIA: "designa o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da reação analítica. (...) A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se joga a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este". (LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand (orgs); TAMEN, Pedro (trad.). **Vocabulário da psicanálise**. Martins editora. p.668-678)

Anexo II - Conceitos da Psicologia Cognitiva

AÇÃO: ¹todo movimento, pensamento ou sentimento corresponde a uma necessidade. A criança como o adulto, só executa alguma ação exterior ou mesmo inteiramente interior quando impulsionado por um motivo e este se traduz sempre pela forma de uma necessidade (uma necessidade elementar ou um interesse, uma pergunta etc). Movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.14). / ²só tende para um alvo e ela está satisfeita quando o alvo é atingido. Ela é dominada por aquilo que eu chamaria de êxito. Na própria ação, a compreensão está centralizada sobre o objeto e não sobre os mecanismos que permitiram atingi-lo. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.127)

ACOMODAÇÃO: ¹é o ajustamento do esquema à situação particular. Ele adapta o gesto à necessidade... ao objeto. A acomodação é determinada pelo objeto, enquanto que a assimilação é determinada pelo indivíduo.....o esquema de assimilação é geral e que é preciso sempre acomodá-lo às situações particulares.(BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.62). ²é a necessidade em que se acha a assimilação de levar em conta as particularidades próprias dos elementos a assimilar. No caso das relações entre os A,B,C, ... e os A',B',C', as diferenciações devidas à acomodação são evidentes: o esquema de pegar, por exemplo, não se aplica da mesma maneira a objetos muito pequenos e a grandes objetos. (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento**. RJ: Zahar editores, 1975, p.14) / ³é o inverso. Podemos mudar nossos esquemas, para nos acomodarmos a um novo estímulo que nunca experimentamos. Há um processo de assimilação, mas há também a possibilidade de integrar novas relações que não se verificavam antes. (p.26) (...) todas as demandas de acomodação, exigem esquemas mínimos de assimilação. A acomodação vem da capacidade da criança de integrar todas essas assimilações a um novo estímulo, que logo se converte em um esquema mais completo (p.27) (PAÍN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento**. Petrópolis: RJ, 2009)

ADAPTAÇÃO: ¹o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. Na adaptação você tem sempre dois pólos: você tem o pólo indivíduo-assimilação e o pólo objeto- acomodação. É um todo global com os dois polos indissociáveis: assimilação e acomodação. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.63). / ²se chamamos de acomodação esse resultado das pressões exercidas pelo

meio exterior (...), podemos dizer que **ADAPTAÇÃO** é um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. (DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética Piagetiana**. 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987, p.50)

ANIMISMO INFANTIL: é a tendência a conceber as coisas como vivas e dotadas de intenção. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.31)

ASSIMILAÇÃO: ¹seria a capacidade de o sujeito construir o mundo de acordo com seus próprios esquemas. O mundo se converte naquilo que ele pode assimilar. (p.25) (...) assimilamos de acordo com as possibilidades que temos (p.26) (...) só podemos transformar o mundo depois de nos apropriarmos dele por meio de nossos esquemas. (p.26) (PAÍN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento**. Petrópolis: RJ, 2009) / ²incorporação de um elemento exterior (objeto, acontecimento, etc.) em um esquema sensório-motor ou conceitual do sujeito. Trata-se pois, por um lado, da relação entre os A',B', C',... e os A, B, C, ... (p.13) (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento**. RJ: Zahar editores, 1975) / ³vale dizer, incorporação de elementos do meio à estrutura, de outra parte, modificação dessa estrutura em função das modificações do meio, ou, em outros termos, **ACOMODAÇÃO**(p.50) (DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética Piagetiana**. 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987) / ⁴ASSIMILAÇÃO ou ação do sujeito sobre os objetos do meio, ação dependente dos comportamentos anteriores, enquanto incidem sobre os mesmos objetos ou sobre objetos análogos, e **ACOMODAÇÃO** ou ação do sujeito transformando seus esquemas, estruturas ou capacidades. Portanto, a assimilação implica transformação dos objetos, reais ou formais, e a acomodação implica transformação do sujeito, de seus esquemas, estruturas ou capacidades. (p.63) (BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. 2ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012) / ⁵é justamente a prova de que a estrutura existe. É o fato de que um estímulo do meio exterior, um excitante qualquer, não pode agir e modificar uma conduta a não ser na proporção em que ela esteja integrada às estruturas anteriores. A assimilação é um conceito biológico antes de tudo. Absorvendo o alimento, o organismo assimila o meio: isto significa que o meio está subordinado à estrutura interna e não o inverso. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.61-62).

ASSIMILAÇÃO RECÍPROCA: quando dois esquemas ou dois subsistemas se aplicarem aos mesmos objetos (por exemplo, olhar e pegar) ou se coordenarem sem mais necessidade de conteúdo atual. Podemos considerar como uma assimilação recíproca as relações entre um sistema total, caracterizado por suas leis próprias de composição, e os subsistemas que ele engloba em sua diferenciação, porque sua integração num todo é uma assimilação a uma estrutura comum e as diferenciações comportam assimilações segundo condições particulares mais dedutíveis a partir de variações possíveis do todo. (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento.** RJ: Zahar editores, 1975, p.13-14)

CIRCULARIDADE: consiste em exercer uma atividade sem levar em conta qual seria seu antecedente e qual seria seu conseqüente, de modo que o conseqüente possa funcionar como ativador do antecedente, por circularidade. Todas as atividades do bebê são desse tipo: a sucção, o balbúcio, o ato de movimentar um sininho, ou as mãozinhas diante dos olhos. (PAÍN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento.** Petrópolis: RJ, 2009, p.27)

COMPENSAÇÃO: é uma ação de sentido contrário a determinado efeito e que tende, pois, a anulá-lo ou a neutralizá-lo, é evidente que os feedbacks negativos desempenham este papel na qualidade de instrumentos de correção (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento.** RJ: Zahar editores, 1975, p.31)

CONHECIMENTO: é uma interação entre o indivíduo e o objeto, mas eu penso que o indivíduo não pode ser encerrado em uma estrutura dada, definitivamente, à maneira dos aprioristas, como se tudo estivesse predeterminado no espírito humano. Eu penso que o indivíduo constrói seus conhecimentos, constrói suas estruturas (...) (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget.** Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.32)

DESENVOLVIMENTO: é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.11)

EPISTEMOLOGIA GENÉTICA: o estudo das transformações do conhecimento, o ajustamento progressivo do saber, é o que chamo de epistemologia genética... (BRINGUIER, Jean-Claude.

Conversando com Jean Piaget. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.15)

EGOCENTRISMO: indiferenciação entre o ponto de vista próprio e o dos outros, ou entre a atividade própria e as transformações do objeto. (p.29) (...) é uma absorção do eu nas coisas e nas pessoas, com indiferenciação entre o ponto de vista próprio e outros pontos de vista (p.29) (...) infantil é a confusão inconsciente do ponto de vista próprio com os de outrem (p.29) (...) fenômeno inconsciente, é a manifestação de um pensamento centrado no ponto de vista próprio do sujeito, por conseguinte incapaz de relacioná-lo e de coordená-lo a pontos de vista diferentes (p.29) (...) é a manifestação de um pensamento centrado em si próprio (p.32) (DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética Piagetiana.** 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987)

EQUILÍBRIO:¹se refere entre outras coisas a uma solidariedade da diferenciação e da integração. (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento.** RJ: Zahar editores, 1975, p.12) ²é o retorno ao estado anterior. É a auto-regulação da qual eu falava sempre. Um sistema equilibrado é um sistema onde todos os erros são corrigidos, onde os excessos são compensados. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget.** Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.63)

EQUILIBRAÇÃO: é o processo que conduz ao equilíbrio. Em um ato de inteligência, há o equilíbrio porque os dois (assimilação e acomodação) não se prejudicam um ao outro; ao contrário, ajudam-se mutuamente. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget.** Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.63)

EQUILIBRAÇÃO PROGRESSIVA: é um processo indispensável do desenvolvimento e um processo cujas manifestações se modificarão, de estágio em estágio, no sentido de um melhor equilíbrio em sua estrutura qualitativa como em seu campo de aplicação como em seu campo de aplicação, pelo fato de que com a construção e o aprimoramento das negações e as quantificações que elas supõem, as diversas coordenadas destacadas no &2 se precisam e se consolidam sem descontinuidade. (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento.** RJ: Zahar editores, 1975, p.23)

EQUILIBRAÇÃO MAJORANTE: é a passagem contínua de um nível de inteligência ao seguinte (...) é um equilíbrio móvel, dinâmico, com autocorreções por feedbacks e que se orienta para uma reversibilidade operatória. Majorante, porque esse processo de equilibração caracteriza-se

por um melhoramento contínuo das estruturas que, como tratamos de mostrar, de rítmicas tornam-se regulares, finalmente operatórias. (MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. SP: Casa do psicólogo, 1994, p.162)

ESQUEMA: ¹ chamaremos de esquemas de ações àquilo que, numa ação, é assim transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação à seguinte, ou, dito de outro modo, o que há de comum às diversas repetições ou aplicações da mesma ação tem o caráter de um sistema de relações na medida em que ele coordena entre si diversas ações tendo entre si propriedades comuns. Em si mesmo, ele é a estrutura de uma ação. (DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética Piagetiana**. 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987, p.57) / ² estrutura de uma ação, que se conserva e se consolida pelo exercício e se aplica a situações distintas. (SEBER, Maria da Glória. **Construção da inteligência pela criança. Atividades do período pré-operatório**. SP: ed. Scipione, 1989, p.19)

ESTRUTURA: ¹ é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema (por oposição às propriedades dos elementos) e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo de suas transformações, sem que estas conduzam para fora de suas fronteiras ou façam apelo a elementos exteriores. Em resumo, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, de transformações e de auto-regulação. (PIAGET, Jean. **O estruturalismo**. Tradução de Moacyr Renato de Amorim. Rio de Janeiro: Difel, 2003, p.8) / ² as estruturas se constroem por interação entre as atividades do indivíduo e as reações do objeto. (p.56). É sempre um sistema de transformações – indo do mais simples ao mais complexo (...) (p.59). O funcionamento da estrutura é um patamar de equilíbrio na gênese, o funcionamento que levará mais longe, que levará a construir outras estruturas. A necessidade de estrutura é ligada a necessidade de coerência interior e de organização, sem o que é a anarquia interior, é a desordem, a incoerência. (p.61) (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978) / ³ as estruturas são as organizações mentais de ordem superior, um passo acima das operações. As estruturas, como as operações, têm certas características. Uma estrutura é uma totalidade no sentido de que certas leis aplicam-se a todas as partes da estrutura. O sistema de números inteiros é um exemplo de uma estrutura, pois há leis que se aplicam à série como tal (...). As leis que governam uma estrutura também são leis de transformação, de tal modo que, no caso da adição de números inteiros, um número pode ser transformado em outro somando-se algo a ele. Além disso, as estruturas são auto-reguladoras no sentido de que não é preciso sair da estrutura para encontrar elementos para as transformações, e o resultado de uma transformação permanece dentro do sistema.

(WADSWORTH, Barry. J. **Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. Tradução de Marília Zanella Sanvincente. São Paulo: Pioneira, 1984)

ESTRUTURAS VARIÁVEIS: serão, então, as formas de organização da atividade mental, sob um duplo aspecto: motor ou intelectual, de uma parte e afetivo, de outra, com suas duas dimensões individual e social. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.13)

GÊNESE: é a formação de uma estrutura: mas é ela mesma um potencial da estrutura. Se não percebemos que a estrutura é sempre um sistema de transformações – indo do mais simples ao mais complexo -, impedimos que se compreenda a passagem de uma estrutura a outra(...). Mas quem diz transformação diz construção, com possibilidade de estruturas novas, o alargamento da estrutura inicial, que vem se inserir, como caso particular, nas estruturas mais amplas: uma vez o número formado, por exemplo, haverá a descoberta dos números negativos do início, depois dos números fracionários... a estrutura inicial vai se inserir nas estruturas ulteriores, graças a uma gênese, porque ela é sistema de transformações. E a gênese supõe a estrutura porque ela jamais constitui um começo absoluto, mas parte sempre de uma estrutura mais simples. Por consequência são dois termos absolutamente solidários e indissociáveis. A gênese é a formação das funções. E a estrutura é a sua organização. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p,59)

INIBIÇÃO: não é só a possibilidade de aprender, isto é, de saber qual é o movimento adequado para conseguir um fim, mas também a de alcançar um domínio do próprio corpo capaz de agir de maneira eficaz. No início, os movimentos são indiferenciados, não temos a possibilidade de saber qual é o eficaz (...). No princípio da vida, a inibição é necessária para que sejam discriminados os movimentos eficientes no esquema corporal. (PAÍN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento**. Petrópolis: RJ, 2009, p.29)

INTELIGÊNCIA: é, por definição, a adaptação às situações novas e é então uma construção contínua das estruturas. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.61)

JOGO SIMBÓLICO: é o pensamento egocêntrico no estado quase puro, superado no máximo pelo sonho ou pelo devaneio. É a assimilação do mundo exterior e das pessoas às exigências do eu e a seus pontos de vista. (DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação**

à **psicologia genética Piagetiana**. 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987, p.30) / ²não é um esforço de submissão do sujeito ao real, mas, ao contrário, uma assimilação deformada da realidade ao eu. (...) constitui o polo egocêntrico do pensamento. Pode-se dizer, mesmo, que ele é o pensamento egocêntrico em estado quase puro, só ultrapassado pela fantasia e pelo sonho. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.29)

MÉTODO CLÍNICO: de Piaget é, portanto, um método de conversação livre com a criança sobre um tema dirigido pelo interlocutor que segue as respostas da criança, que lhe pede que justifique o que diz, explique, diga porquê, que lhe faz contra - sugestões (p.25) consiste em conversar livremente com a criança sobre um tema dirigido, em seguir, por conseguinte, os desvios tomados por seu pensamento para reconduzÍ-lo ao tema para obter justificações e testar a constância, e em fazer contra-sugestões. (p.26) (DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética Piagetiana**. 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987)

NECESSIDADE: é sempre a manifestação de um desequilíbrio. Ela existe quando qualquer coisa, fora de nós ou em nós (organismo físico ou mental) se modificou, tratando-se, então de um reajustamento da conduta em função desta mudança. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.14)

OPERAÇÃO: ¹é uma ação interiorizada, que se torna reversível e que se coordena com outras, em estruturas operatórias de conjunto. (PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989, p.74) / ²operações são atos mentais, assim como os vários tipos de conservação. As operações têm quatro características principais. As operações são, primeiramente, ações que são internalizadas; isto é, as operações podem ser efetuadas a nível de pensamento bem como de ações (...). A segunda característica das operações é a reversibilidade. Por exemplo, a adição e a subtração são as mesmas operações efetuadas em direções opostas: 2 pode ser somado a 1 para obter 3 ou 1 pode ser subtraído de 3 para se obter 2. A terceira característica de uma operação é a de que sempre mantém algo invariante (sem mudança) embora sempre ocorra uma transformação ou mudança. No processo de adição, por exemplo, pares de números podem ser agrupados de modos diferentes (5 – 1, 4 – 2, 3 – 3), mas a soma permanece invariante. De modo semelhante, em todas as operações de conservação as

quantidades são conservadas durante a mudança em dimensões irrelevantes. A quarta característica de uma operação é a de que nenhuma operação existe sozinha. Uma operação está sempre relacionada a uma estrutura ou rede de operações. Por exemplo, a operação adição-subtração está relacionada às operações classificação, ordenação e conservação do número. (p.67-68) são atividades mentais que são internalizadas, reversíveis, conservadas e integradas às organizações superiores (estruturas) e a outras operações. (p.68) (WADSWORTH, Barry. **J. Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. Tradução de Marília Zanella Sanvincente. São Paulo: Pioneira, 1984)

PERMANÊNCIA DO OBJETO: é o ato do objeto que desaparece do campo perceptivo e concebido como continuando a existir. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.34)

PERTURBAÇÃO: a noção de assimilação reúne num só todo a utilização de um objeto ou de um elemento qualquer e o que a psicologia clássica chamava de "associação". Do ponto de vista do sujeito, isto equivale a dizer que um esquema de assimilação confere uma certa significação aos objetos assimilados e que determina assim objetivos definidos às ações que a eles se relacionam (tais como pegar, balançar, etc, no plano do sucesso prático, ou compreender uma relação, etc, no plano da representação). Se definimos uma perturbação como algo que serve de obstáculo a uma assimilação, tal como atingir um objetivo, todas as regulações são, do ponto de vista do sujeito, reações a perturbações. (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976, p. 24).

PROJEÇÃO: o sujeito tende a projetar sobre o outro – e, às vezes, também sobre as coisas e sobre o mundo – seus próprios sentimentos e, depois, vê-los no outro. Isto é, ele transforma o outro, projetando nele diretamente seus sentimentos, mas de modo que o outro adquira a qualidade que lhe convém. (PAÍN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento**. Petrópolis: RJ, 2009, p.29)

REAÇÃO CIRCULAR SECUNDÁRIA: os movimentos são centrados em torno de um resultado produzido no meio externo e a ação tem por único objetivo manter esse resultado (DOLLE, Jean-Marie. **Para compreender Piaget: uma iniciação à psicologia genética piagetiana**. RJ: ed Guanabara, 1987, p.83)

REFLEXO: totalidade organizada cuja característica própria é conservar-se em funcionamento, por consequência, funciona mais cedo ou mais tarde por si mesmo (repetição), incorporando os

objetos favoráveis a esse funcionamento (assimilação generalizadora) e discriminando as situações necessárias a certos modos especiais de sua atividade (reconhecimento motor). (PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª edição. RJ: LTC - livros técnicos e científicos editora S.A, 1989, p.47)

REGULAÇÃO: fala-se de regulação, de modo geral, quando a retomada A' de uma ação A é modificada pelos resultados desta, logo quando de um efeito contrário dos resultados de A sobre seu novo desenvolvimento A'. A regulação pode, então, manifestar-se por uma correção de A (feedback negativo) ou por seu reforçamento (feedback positivo), mas neste caso com possibilidade de um crescimento do erro (como ilustra o modelo material de um incêndio) ou de sucesso (formação de hábitos, etc). Compreender a equilibração será o mesmo que apelar para certas regulações, mas não todas, e ficará ainda por explicar esta escolha, assim como precisar a formação dos reguladores que comandam a direção das regulações. (p. 24) (...) para que haja regulação, é necessária a intervenção de um regulador e será conveniente indagar em que consiste ele. (p. 25). (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976)

REVERSIBILIDADE: ¹é a possibilidade de as ações ocorrerem nos dois sentidos, isto é, se tornarem reversíveis, como acontece com a adição e a subtração. (SEBER, Maria da Gloria. **Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. SP: editora Scipione, 1997, p.109). / ²"capacidade de executar uma mesma ação nos dois sentidos de percurso, mas tendo consciência de que se trata da mesma ação" (...) "A reversibilidade verdadeira é a completa descoberta da operação inversa como operação. Reversibilidade completa é a que comporta a operação de inversão e a operação de reciprocidade." (BATTRO, Antonio M. **Dicionário terminológico de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1978, p.215) / ³o dicionário terminológico de Jean Piaget, páginas 215-216, ainda cita os termos: reversibilidade perceptiva, reversibilidade operatória, reversibilidade e ação. REVERSIBILIDADE se refere à habilidade de realizar mentalmente ações opostas simultaneamente, neste caso, cortar o todo em duas partes e reunir as partes num todo. (KAMI, Constance. **A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de quatro a seis anos**. Campinas: Papyrus, 1998, p.23)

SISTEMAS COGNITIVOS: são, na verdade, ao mesmo tempo abertos num sentido (o das trocas com o meio) e fechados em outro, enquanto "ciclos". Chamemos A,B,C, etc, as partes constituintes de um determinado ciclo, e A',B',C',etc, os elementos do meio necessários a sua alimentação; estamos então em presença de uma estrutura, cuja forma esquemática é: (Ax A') B;

(BxB') C; (ZxZ') A; etc. (PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento**, RJ: Zahar editores, 1975, p.12)

SUJEITO EPISTÊMICO: a epistemologia genética "não conhece *um sujeito em si*, mas unicamente as etapas de formação do sujeito, nem *um objeto em*, mas unicamente os objetos sucessivos que são reconhecidos pelo sujeito no curso destas etapas". Mas o sujeito, cujas etapas de formação estuda, não é o sujeito psicológico nem o sujeito coletivo mas um sujeito universal ou epistêmico: "*O sujeito epistêmico é o que tem de comum todos os sujeitos posto que as coordenações gerais da ação (origem da abstração II ou reflexiva) comportam um universal que é o da própria organização biológica*". Dizendo de outra maneira: " A irreversibilidade está ligada à consciência do sujeito individual, ao contrário, a descoberta da reversibilidade operatória indica a constituição do sujeito epistêmico. O sujeito epistêmico identifica-se, pois, com o sujeito operatório. O essencial é que se pode analisar experimentalmente a construção das estruturas operatórias e que se as pode por em correspondência com a formalização lógica, sem necessidade de empregar algum tipo de redução fenomenológica. Piaget, desta forma, introduz-se em um campo que está ao alcance do método positivo e o universal - na ação do sujeito epistêmico - pode ser, talvez, o equivalente moderno do transcendental kantiano ou seus análogos. (BATTRO, Antonio M. **O pensamento de Jean Piaget**. Tradução de Lino de Macedo. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária Ltda, 1969, p.355).

TOMADA DE CONSCIÊNCIA: é uma reconstituição conceptual do que tem feito a ação. A tomada de consciência comporta mais a compreensão: trata-se de saber como se tem êxito. A tomada de consciência é a interpretação e a explicação da ação. (BRINGUIER, Jean-Claude. **Conversando com Jean Piaget**. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978, p.126-127)

Anexo III - Conceitos da Psicologia Social de Pichon Rivière

CONE INVERTIDO: há alguns indicadores que nos ajudam a compreender como o grupo está caminhando, e se de fato pode ser considerado operativo. É preciso que exista compromisso com o grupo, cooperação entre todos, concentração na tarefa, uma comunicação clara, aprendizagem e um bom clima no grupo. Para desenvolver este tópico um pouco mais, é válido lembrar que Pichon idealizou um esquema intitulado de cone invertido para justamente avaliar o movimento no interior de um grupo durante a realização de uma tarefa e seu resultado final, quando se tornam manifestos os conteúdos que no início do processo estavam ainda latentes. São seis os vetores de análise do cone invertido: Pertença (é preciso se sentir parte integrante do

grupo e ser importante para a realização da tarefa); Cooperação (tudo aquilo que os membros trazem de si para o grupo, numa troca de informações a partir dos diferentes papéis exercidos e onde se manifesta o caráter interdisciplinar do grupo operativo e o interjogo da verticalidade – história pessoal do sujeito, e da horizontalidade – “aqui e agora”; o que “atravessa” o grupo); Comunicação (quando há intercâmbio de informações verbais e/ou gestuais entre os membros do grupo de modo a evitar a formação de ruídos que podem vir a atrapalhar o funcionamento do grupo e/ou cumprimento da tarefa); Pertinência (a eficácia ligada a realização da tarefa; o centramento do grupo à tarefa vislumbrada e seu esclarecimento; o desejo do grupo para elaborar suas ansiedades básicas que estão ancoradas aos aspectos objetivos da tarefa assumida pelo grupo); Aprendizagem (se dá a partir de uma boa comunicação quando o grupo se conscientiza da natureza real da tarefa e se torna capaz de gerar um projeto de execução e onde o vínculo pode se fazer presente); e Tele (no que diz respeito a empatia entre os participantes do grupo, podendo ser ou não positiva). (PICHON-RIVIÈRE, Enrique. & QUIROGA, Ana Pampliega de. **Psicologia da Vida Cotidiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1998).

ECRO – Esquema Conceitual Referencial Operativo: BARBOSA cita a epistemologia convergente, como unidade operacional, e que constituiu um instrumento único de análise do funcionamento grupal e individual, o qual foi denominado de ECRO (Esquema Conceitual Referencial Operativo), estando voltado para a aprendizagem através da tarefa. Seu resultado pode ser mais ou menos eficaz, dependendo da possibilidade do grupo construir seu ECRO grupal, sua história como grupo, sua interação, sem desvalorizar os indivíduos e seus ECROs; porém, contribuindo para sua transformação (horizontalidade: grupo com um todo, e verticalidade: compreender o indivíduo que faz parte do grupo). O ECRO se constrói na medida que o trabalho do grupo se desenvolve. Como o grupo tem uma tarefa a realizar, o cumprimento dessa tarefa está ligada ao ECRO individual e grupal. É também um esquema de conhecimentos que a pessoa que aborda o grupo vai utilizar como referência para sua atuação (esquema aqui não é estrutura, é modelo, forma interna de operar). (BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A Psicopedagogia no âmbito da instituição**. Editora Expoente, 2001)

GRUPO OPERATIVO: Pichon (apud KAMKHAGI) apresenta o grupo operativo como sendo um *“conjunto de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e de espaço e articuladas por sua mútua representação interna”*, e que se coloca explícita ou implicitamente diante de uma tarefa; constituindo assim a finalidade de um grupo. Quanto maior a heterogeneidade dos membros e maior a homogeneidade na tarefa, maior sua produtividade. (KAMKHAGI, Vida Rachel. Horizontalidade, verticalidade e transversalidade em grupos. In: **Grupos teorias e técnicas**. In: BAREMBLITT, G. (Org.). *Grupo: teoria e técnica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.205-19).

Referência bibliográfica

BARBOSA, Laura Monte Serrat. *A Psicopedagogia no âmbito da instituição*. Editora Exponente, 2001

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATTRO, Antonio M. *Dicionário terminológico de Jean Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1978.

_____. *O pensamento de Jean Piaget*. Tradução de Lino de Macedo. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária Ltda., 1976.

BECKER, Fernando. *Educação e construção do conhecimento*. 2ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRINGUIER, Jean-Claude. *Conversando com Jean Piaget*. Tradução de Maria José Guedes. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978.

Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

Documento "A Noologia Estruturalista – Glossário", organizado por Alba Weiss, com colaboração das participantes do **Grupo Tekoa**. Maio de 2015.

Documento elaborado pelas alunas do Módulo VIII – *Teoria e Técnica de Grupo Operativo – Vivência*: Adriana Tomasio, Ana Cristina Ramos, Cláudia Arakaki, Flávia Bahiense, Flávia Moreira, Gisele Noel, Juliana Borges, Regina Winicki. Março de 2012.

DOLLE, Jean Marie. *Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética Piagetiana*. 4ª edição. Tradução de Maria José J.G. Almeida. RJ: Guanabara, 1987.

KAMKHAGI, Vida Rachel. Horizontalidade, verticalidade e transversalidade em grupos. In: BAREMBLITT, G. (Org.). *Grupo: teoria e técnica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

KAMI, Constance. *A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de quatro a seis anos*. Campinas: Papirus, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand (orgs); TAMEN, Pedro (trad.). *Vocabulário da psicanálise*. Martins editora.

LEÃO, Maria Luiza de Oliveira Castro de. *O pensamento teórico do Tekoa - a turbulência no campo da psicologia; a noologia estruturalista; as ciências experimentais: uma pedagogia da turbulência*. Rio de Janeiro: Publit, 2013.

MACEDO, Lino de. *Ensaíos construtivistas*. SP: Casa do psicólogo, 1994.

PAÍN, Sara. *Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento*. Petrópolis: RJ, 2009.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas. Problema central do desenvolvimento*. RJ: Zahar editores, 1975.

_____. *O estruturalismo*. Tradução de Moacyr Renato de Amorim. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

_____. *O nascimento da inteligência na criança*. 4ª edição. RJ: LTC - livros técnicos e científicos editora S.A, 1989.

_____. *Seis estudos de psicologia*. Tradução da prof. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva, 16ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989.

RIVIÈRE PICHON, Enrique. *Teoria do vínculo*. 1ª edição. Seleção e organização: Fernando Taragano. Tradução: Eliane Toscano Zamikhouwsky. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. & QUIROGA, Ana Pampliega de. *Psicologia da Vida Cotidiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Zahar.

SEBER, Maria da Glória. *Construção da inteligência pela criança. Atividades do período pré-operatório*. SP: ed. Scipione, 1989.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. *Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

VISCA, Jorge. *Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente*. Tradução de Ana Lucia E. dos Santos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. *Psicopedagogia: novas contribuições*. Organização e tradução. Andrea Morais e Maria Isabel Guimarães. RJ: Nova Fronteira, 1991.

WADSWORTH, Barry. *J. Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau*. Tradução de Marília Zanella Sanvincente. São Paulo: Pioneira, 1984.

TEKOA Centro de Estudos da Aprendizagem

Atualizado em 11 / 11 /2016